

VOZ DA FÁTIMA

Há vinte e cinco anos que grande número de operários católicos polacos se encontram numa jornada de convívio e oração. Recentemente, este encontro fez-se em Katowic e nele participaram cerca de 150 mil trabalhadores. A reflexão central do encontro foi orientada pelo prior de Taizé sobre o tema «A reconciliação dos cristãos, uma esperança numa primavera na Igreja». — (C. C. I.)

Director: Padre Joaquim Domingues Gaspar
Propriedade e impressão: «Gráfica de Leiria» — Telefone 22336
Redacção e Administração: Santuário da FÁTIMA — Telefone 049 97182

ANO LIV N.º 637
13 DE OUTUBRO DE 1975
PUBLICAÇÃO MENSAL

AVENÇA

Os retornados da África são nossos irmãos

GRANDE número de portugueses que viviam em África tem regressado a Portugal, nestes últimos tempos. E já se anuncia que, nos próximos dias, serão muitos os milhares de retornados de Angola, onde o processo de descolonização em curso tão gravemente afecta as populações ali residentes.

O País todo — e particularmente Lisboa que primeiro recebe quem aqui chega — encontra-se assim perante situações humanas dramáticas. Ninguém as pode ignorar ou passar-lhes ao lado, de consciência tranquila.

A maior parte dos retornados de África deixou lá haveres do presente e esperanças do futuro; deixou lá familiares e amigos que ainda não quiseram ou não puderam partir; deixou lá pedaços de alma, cujo desprendimento sempre mutila e faz sofrer.»

Estas palavras são do sr. Cardeal-Patriarca de Lisboa, escritas num apelo pastoral em favor dos retornados de Angola. O problema é de todo o país e faz estremecer a todos, de norte a sul. Com efeito, haverá poucas famílias portuguesas que imediata ou mediatamente não tenham tido parentes na África.

As pessoas queixam-se do modo como a descolonização tem sido feita. Nem todos foram injustos e a grande maioria tem a consciência de ter trabalhado honestamente e de ter contribuído por esta via para o progresso e desenvolvimento de Angola. São os próprios africanos, aqueles ainda não contaminados por ideologias de ódios e violência, que lhes dão razão, quando se opõem a que regressem a Portugal. Mas é impossível continuar a viver no meio de perigos de diversa ordem e riscos como o da morte. Quando serenamente se fizer a história deste período conturbado da vida nacional, muitas culpas caberão a certos ideólogos, que a pretexto de democratização semearam ódios e violências, pondo as suas

ideologias fantásticas acima do realismo objectivo que passa pela justiça e o respeito da pessoa humana.

Porém, sejam os erros da responsabilidade de quem for, o País encontra-se perante este enorme caudal de retornados com a obrigação de os socorrer e, para mais, num período de graves dificuldades económicas. O sr. D. António Ribeiro a este propósito acrescenta: «O drama destes retornados pode vir a alcançar tais dimensões que não consinta espectadores. E, por isso, desde já queremos dirigir um forte apelo a todas as comunidades cristãs do Patriarcado... É o apelo de Cristo, expresso no mandamento novo do Evangelho: «Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei.»

«O amor fraterno, essência do Evangelho, deve traduzir-se em obras e gestos concretos de ajuda

gratuita aos que mais necessitam» — sublinha o sr. Patriarca que prossegue: «Nesta hora grave da nossa vida nacional, é preciso que as comunidades cristãs saibam dar testemunho vivo e actuante do amor de Cristo. Organizem-se, pois, para acolher e integrar os irmãos regressados de África.»

Mais adiante e quase a terminar, é dito no apelo pastoral: «Se algum dia, a nível das estruturas diocesanas, for necessário organizar esta solidariedade evangélica, não deixaremos de bater à porta do coração de quantos têm bens deste mundo. Ai encorajaremos o amor de Deus, sempre pronto a minorar o sofrimento humano.»

Os retornados da África põem à consciência nacional um apelo de solidariedade e da mais larga compreensão e generosidade.

E.

Não queremos mais medo

O texto de Júlio Roberto (25 de Abril de 1974 — Ed. ITAU) e a análise dos acontecimentos que estamos a viver convidam-nos a reflectir sobre o contributo que podemos dar à construção do novo país.

«Nós, as crianças,
Não queremos mais medo, — não queremos mais fome, — não queremos mais mentiras
não queremos mais ódios, — não queremos mais guerra —
queremos brincar — ao pião, ao botão, à cebra-cega...
queremos brincar sem armas, sem violência, sem tiros e sem canhões...
...queremos ser crianças, para podermos ser homens.

Nós, as crianças, queremos o amor.»

«Não queremos mais medo» — O que é que produz o medo?

O fantasma da violência, da exploração do homem pelo homem. Nós, adultos, fazemos coro a essas vozes inocentes: «Não queremos mais medo».

Nós queremos a segurança, dizemos, repetimos e buscamos no nosso dia a dia. E esquecemo-nos de que a vida é um risco contínuo para descobrir caminhos novos. Há tantos caminhos que ainda não desvendamos e que são, por certo, as vias da paz, da fraternidade e da confiança. «O homem confiará no homem, como o menino confia noutro menino» (Thiago de Melo). Quando será isso uma realidade em nosso país?

Enquanto o homem for o lobo para o outro homem, enquanto o irmão matar o irmão, as crianças terão que gritar: «Não queremos mais medo». É preciso que cada homem se liberte do ódio e se transforme num irmão do outro.

«Não queremos mais fome» — temos medo da fome...

É preciso lutar contra a violência da fome. Dizia Loretta King: «...deixar uma criança passar fome é violência. Não lhe dar acesso à cultura é violência. Exercer a discriminação contra o homem que trabalha é violência...»

«Não basta dar pão a quem tem fome: também é preciso assegurar a cada homem uma vida adequada à humana dignidade» (Paulo VI na O. N. U.).

Aprendamos a ser humanos para edificar uma sociedade de homens onde a justiça social não seja uma palavra vã.

«Não queremos mais guerra» — ...Angola, Timor, Médio Oriente... «Se quereis ser irmãos uns dos outros, deixai cair as armas das

1. Outubro é, tradicionalmente, o mês do Rosário. A SS.^{ma} Virgem, Mãe da Igreja e Medianeira de todas as graças, recomendou nas aparições da Fátima a oração diária do Terço como um dos meios mais acessíveis a toda a gente para a obtenção da graça da conversão e da salvação. Também a favor dos outros. Dos pecadores. E todos o somos. Há que reconhecê-lo com humildade. Aproveitemos este mês do Rosário para reavirmos a oração diária do Terço. Em família, sempre que possível. É a Mãe de Deus — e nossa Mãe — quem no-lo pede. Vamos dizer-lhe que não?!...

2. No 3.º domingo — dia 19 — ocorre o Dia Mundial das Missões. A Igreja é missionária por essência. Todos os povos são chamados à salvação e ao conhecimento da Verdade. Mas a Igreja somos nós todos, unidos a Cristo pela Fé e pelo Amor. Temos de possuir o mesmo espírito de Cristo que se deu todo por todos. Não fechemos a alma aos apelos de Deus que nos são feitos, neste Dia das Missões e sempre, pelos seus enviados — o Papa e os Bispos. Sejamos todos missionários.

Lembramos

● Continua na última página

A Palavra dos Nossos Bispos

NOTA PASTORAL SOBRE O MOMENTO

PRESENTE DA VIDA PORTUGUESA (Continuação)

LIBERDADE DE INFORMAÇÃO

Também é de referir o monolitismo da informação, com especial incidência nos meios de comunicação social de maior alcance, como sejam a televisão, a rádio e grande parte dos jornais diários. Este monolitismo é abertamente incompatível com o pluralismo que sempre se tem anunciado e é tanto mais deplorável quanto é certo que muitos desses órgãos pertencem directa ou indirectamente ao Estado e são, portanto, pagos por uma população cuja maioria já inequivocamente demonstrou não aceitar a ideologia por eles veiculada.

A este aspecto já nos referimos no nosso último comunicado. Mas, desde então para cá, a tendência monopolista aí denunciada tem-se agravado ainda mais. Raros são já os órgãos de grande informação verdadeiramente independentes e os poucos que restam vão sendo, com especiosos pretextos laborais ou de existência de conflitos internos, lentamente dominados. Haja em vista o que se passa na Rádio Renascença, cuja liberdade continuamos firmemente a reclamar.

Acresce que o aumento substancial de encargos administrativos e, muito recentemente, o pesado agravamento das taxas postais provocaram já a suspensão de vários periódicos da Província e estão em risco de provocar o desaparecimento de muitos outros, deixando assim a imprensa regional impossibilitada de continuar a cumprir o seu papel de informação objectiva e livre, dentro duma sociedade de e para homens igualmente livres. O subsídio governamental que se promete à imprensa pode vir a constituir, em certas circunstâncias, uma forma de controlo estatal.

APELO E CONCLUSÃO

Desde a revolução de 25 de Abril, o Povo português, com o qual sempre estivemos e cujos direitos e liberdades nos propomos defender, tem revelado notáveis qualidades de civismo, convivência, criatividade, espontaneidade, generosidade, civilização e inteligência ou intuição social. Estas qualidades são suficiente garantia de que, consideradas a tempo as anomalias e distorções que acabámos de mencionar, ainda é possível construir, em liberdade e em paz, uma nova ordem social adequada aos reais interesses do mesmo Povo. Por isso, sem embargo dos reparos anteriormente feitos, não perdemos a confiança na possibilidade dum futuro mais feliz para a nossa Pátria.

E, assim, àqueles que actuam positivamente no processo político em curso ou dele se consideram solidários, a esses exortamos a que guardem sempre vivos e activos os sentimentos de fraternidade e tolerância para com todos os seus concidadãos, evitem por palavras ou por obras os excessos e procurem formular, com a possível clareza, no seu próprio espírito e consciência, antes de passarem ao doutrinarismo e acção ou desencadear processos emocionais incontrolados, um projecto digno e viável de sociedade futura. Não ignoramos nem queremos minorar o valor da instituição no desencadear e desenrolar dos processos históricos. Mas isso não dispensa, de forma

alguma, antes pelo contrário deve reforçar a exigência da consciência, estudo e previsão, por parte dos que assumem a condução e administração do processo, precisamente para se evitar a irresponsabilidade colectiva, com a violação das consciências pessoais.

Com isto e para além disto, devem os responsáveis usar da necessária pedagogia social, que tem de começar pela verificação e reconhecimento da inteligência do educando colectivo. E, em tudo e sempre, contar com o tempo, já que uma cultura e civilização ou socialidade que levou séculos a elaborar e que contém a sabedoria de séculos e milénios, não pode nem deve eliminar-se como corpo estranho. Não vale esquecer que o tempo sempre se encarrega de desfazer, e no geral rapidamente, aquilo que foi feito sem ele. Tão-pouco seria de es-

quecer-se a grande e permanente lição da história de que, assim como o corpo individual gera anti-corpos, exactamente para a defesa da vida, assim o corpo social e pela mesma razão: é sempre a revolução, não se sabendo medir nem limitar, que gera a contra-revolução.

Finalmente, com o nosso apelo pastoral à justiça comutativa, penal e legal e com a nossa exortação à amizade cívica, fraternidade, força espiritual e temperança moral, recomendamos aos nossos fiéis que tenham bem alta e viva, na inteligência e no coração, a chama da Fé em que o Espírito de Deus, Espírito de Amor, preside às contingências e vicissitudes da história humana, as quais sempre faz cooperar, no fundo, para o bem e para o progresso humano; e que, nessa Fé viva e iluminante, façam ver ao maior número possível dos nossos irmãos em humanidade que todos devemos colaborar na criação de um mundo cada vez mais correspondente ao projecto do Criador, presente e actuante no Redentor «que vem» em cada novo acontecimento da história.

Fátima, 14 de Junho de 1975

ANGOLA EM FOCO

MENSAGEM DO ARCEBISPO DE LUANDA

A propósito da criação de novas dioceses e da eleição de novos bispos, em Angola, o sr. D. Manuel Nunes Gabriel, Arcebispo de Luanda, publicou uma mensagem com data de 11-8-1975.

Depois de anunciar as novas dioceses e seus bispos, o sr. D. Manuel Nunes Gabriel continua a sua mensagem, que intitula de «Paz e Conforto». Refere-se dolorosamente ao caos, à miséria, à angústia, à morte, à fome, à destruição física e moral de pessoas e bens materiais, de toda a ordem — tal é a situação que Angola atravessa.

Nestas circunstâncias, prossegue: «A Igreja quer dar a todos a garantia de que ela aqui se encontra para continuar o seu trabalho de salvação no meio do povo, por maiores que sejam os riscos que possa correr. Ela, mais do que ninguém, deplora as guerras, as violências e o ódio, que se vêm propagando por esta Angola que tanto amamos e desejamos ver próspera e feliz. Acompanhamos a dor e o luto de tantas pessoas despedaçadas na sua vida física, moral e social; denunciámos e condenámos todos os atropelos que se têm cometido contra os direitos fundamentais da pessoa humana, as mentiras, o incitamento ao ódio e à subversão que ouvimos e lemos diariamente».

E mais adiante, afirma: «Não posso deixar também de denunciar e de verberar acerbamente a manipulação que alguns estão a fazer de pessoas simples de boa fé e ignorantes da história e de vários factos da vida de nossos dias, para assacarem à Igreja e aos seus representantes as maiores calúnias... Ninguém mais do que a Igreja — e queremos incluir aqui também muitos dos nossos irmãos protestantes — tem trabalhado pela instrução e formação moral e social das populações mais abandonadas. E também ninguém mais do que Ela, arrostando por vezes, com más vontades ou declarada oposição, levantou a voz para condenar atropelos à justiça e defender legítimo direito à liberdade e à integridade física e moral, sem acepção de pessoas».

E por fim, saudando os novos Bispos, o sr.

D. Manuel Nunes Gabriel termina com um «apelo à união e à solidariedade», dizendo: «É necessário que nos ajudemos todos, por palavras e por obras, nestas horas difíceis que estamos vivendo. As entidades oficiais devem ser as primeiras a procurar o bem comum, acima de preconceitos de movimentos, partidos, credos ou cor. Infelizmente parece que nem sempre isso tem sucedido».

BISPO AUXILIAR DE COIMBRA

O Santo Padre Paulo VI nomeou o Cônego Dr. João Alves bispo titular de Scala e auxiliar do Bispo de Coimbra.

O novo Prelado nasceu a 13 de Dezembro de 1925, na freguesia de S. Salvador, da vila e concelho de Torres Novas, do Patriarcado de Lisboa.

Depois de ter completado os estudos humanísticos, filosóficos e teológicos nos seminários do Patriarcado, frequentou a Faculdade de Letras e Filosofia da Universidade de Lisboa, obtendo com o maior brilho a licenciatura.

Foi ordenado sacerdote em 29 de Junho de 1951, e, em Outubro desse mesmo ano, assumiu as funções de prefeito e professor no seminário de Almada, de que havia de ser vice-reitor e, posteriormente, reitor.

Dividido o Patriarcado em três zonas pastorais — Lisboa, Santarém e Setúbal —, por Provisão datada de 16 de Junho de 1966, é nomeado Vigário Episcopal para a zona de Setúbal, onde desenvolveu uma actividade criadora, prudente e esforçada, sempre em inteira comunhão com o seu Bispo, promovendo a constituição dos órgãos estruturais da Pastoral regional, actualização apostólica do clero e dos leigos e a formulação de programas de acção pastoral.

De notáveis dotes humanos e sacerdotais, D. João Alves foi membro do Cabido da Sé Patriarcal, e exerceu também, desde 22 de Janeiro de 1966, o cargo de secretário da Comissão Diocesana para a Liturgia, então constituída no Patriarcado.

Vida do Santuário

Agosto

FÁTIMA, CENTRO DE ESPIRITUALIDADE

Cerca de três centenas de pessoas (sacerdotes, religiosas e leigos de ambos os sexos) vieram à Fátima para tomar parte em retiros espirituais nas duas primeiras semanas de Agosto.

51 sacerdotes de várias dioceses (o 2.º retiro efectuado para o clero de Portugal) fizeram retiro orientado pelo P. João Alves, provincial dos Missionários do Coração de Maria; 82 religiosas de dez congregações reuniram-se em retiro dirigido pelo P. Abílio de Pina Ribeiro, da mesma Congregação; 64 senhoras de várias camadas sociais e de várias localidades participaram também num retiro dirigido pelo mesmo sacerdote. Efectuou-se ainda um retiro para sacristães.

A Direcção Nacional da L. A. C. esteve reunida juntamente com os assistentes nacionais e diocesanos e elementos das D. D. de Portalegre, Lisboa, Braga, Viseu, Bragança, Lamego, Guarda, Évora, Coimbra, Leiria, Vila Real e Funchal. Foram tratados assuntos referentes às actividades pastorais da Liga Agrária Católica nos meios rurais.

Também se reuniu na Fátima o Conselho Geral Extraordinário da Cáritas com a Direcção Nacional e os secretários diocesanos de Lisboa, Funchal, Porto, Vila Real, Viseu, Lamego, Braga, Algarve, Coimbra, Beja, Aveiro e Portalegre, e outros elementos leigos encarregados do movimento da Cáritas.

Cerca de um milhar de pessoas de vários pontos do país (sacerdotes, leigos, religiosas e jovens) tomaram parte na MARIÁPOLIS efectuada no Seminário do Verbo Divino, na primeira semana de Agosto. Há seis anos que o Movimento dos Foculares (fundado por Clara Lubich na Itália durante a última guerra) realiza na Fátima, na época do Verão, a Mariápolis.

PEREGRINAÇÕES DO JAPÃO E DAS FILIPINAS

A caminho de Roma vieram ao Santuário em peregrinação 60 japoneses presididos

por Dom Estêvão J. Hamao, bispo auxiliar de Tóquio.

Igualmente vieram à Fátima 3 bispos das Filipinas (D. Porfírio Higino, bispo de Masbate, D. Celestino, bispo de Salto, e D. Curto Almanip, bispo de Malalos), com um grupo de peregrinos deste país.

Todos estes bispos celebraram missa na Basílica com a participação dos peregrinos dos seus países.

PEREGRINAÇÃO AÇOREANA

Vieram à Fátima 80 peregrinos dos Açores. Tomaram parte em vários actos presididos pelo bispo coadjutor de Angra, D. Aurélio Granada Escudeiro.

SEMANA GREGORIANA DA FÁTIMA

Com a presença de sacerdotes, religiosas e leigos de ambos os sexos efectuou-se a Semana Gregoriana, que, desde há 26 anos, a Liga dos Amigos do Canto Gregoriano vem organizando na Fátima, para

estudo e difusão do canto e da polifonia, sob o patrocínio do senhor Bispo de Leiria, com a aprovação e bênção dos Soberanos Pontífices, de Pio XII a Paulo VI, e de altas personalidades do nosso Episcopado.

A Semana decorreu de 23 a 31 de Agosto, sob a direcção da sr.ª D. Júlia d'Almeida. Consta de aulas de Teoria Gregoriana, Solfejo e Direcção Polifónica e foi ilustrada com conferências e concertos de órgão, além da participação de todos os professores e alunos nas missas na Basílica, celebradas pelo sr. Bispo de Leiria com acompanhamento do canto gregoriano.

O encerramento da Semana efectuou-se no dia 31, com missa celebrada pelo reitor do Santuário e a participação de todos os semanistas.

PEREGRINAÇÕES ESTRANGEIRAS

A caminho de Roma esteve na Fátima um grupo de 90 peregrinos da Nova Zelândia, presidido pelo bispo auxiliar do cardeal Jaime Freeman, de Sidney, Dom Eduardo Kelly.

Estiveram ainda, igualmente a caminho de Roma, peregrinos das Filipinas (três grupos de 40 pessoas cada) e um grupo da Venezuela, composto de 60 peregrinos. — S. I. S.

Objectos encontrados no Santuário

No mês de Julho

4 casacos de malha, 3 lenços de senhora (2 de seda e 1 de lã), 1 boné de homem, 1 bolsa de máquina de filar, 6 carteiras de homem, 13 porta-moedas de senhora, 2 Bilhetes de Identidade, 3 pares de óculos, 2 terços, 2 pulseiras de ouro, 1 relógio de pulso, 1 livro de cheques, 1 anel e 1 brinco de ouro, algum dinheiro, várias chaves, 1 sapatinho de criança, 1 guarda-chuva.

No mês de Agosto

2 casacos de senhora, 1 echarpa de senhora, 4 pares de óculos, 1 relógio de senhora, 5 terços, 2 lenços (um de criança e um de senhora), 13 porta-moedas de senhora, 3 carteiras de homem, 2 carteiras (mala), 1 par de luvas, 2 anéis e um brinco de ouro, várias chaves, algum dinheiro, 1 sapatinho de criança, 1 saco de plástico com medalhas, 1 fio e uma argola de fantasia, 1 Bilhete de Identidade.

III Conferência Europeia Justiça e Paz

REALIZOU-SE em Londres, de 6 a 9 de Abril último, a III Conferência Europeia Justiça e Paz. Terminou com a aprovação dum longa série de resoluções, agrupadas em 18 capítulos. Portugal é objecto da primeira parte do capítulo 10.º, assim redigida:

«A III Conferência Europeia Justiça e Paz pede às Comissões Nacionais (Justiça e Paz) que deem expressão concreta à sua solicitude para com Portugal, apoiando os esforços presentemente em curso a partir da comunidade cristã em ordem à constituição duma Comissão Nacional Justiça e Paz, que seja capaz de assegurar um testemunho válido da parte da Igreja e dos cristãos perante a nova situação no País».

Além de Portugal, são contemplados com resoluções da Conferência outros países, como os do Médio Oriente (que cesse a situação de guerra), os da Indochina (encontre-se solução política para o sangrento conflito), Lituânia (denúncia da perseguição religiosa), Filipinas (denúncia dum regime opressor) e Paraguai (condenação da intervenção governamental contra a Cooperativa Agrícola de Santo Isidro de Jejuí).

Mais importantes, porém, são as resoluções incluídas no primeiro capítulo intitulado «Nova Ordem Económica Internacional». Esta nova ordem, esboçada na declaração das Nações Unidas de 1 de Maio de 1974, é uma exigência do agravamento das desigualdades económicas entre países ricos e países pobres, da falta de matérias primas e de produtos alimentares, da inflação e desemprego, etc..

Perante uma tal situação, a Conferência formulou uma série de recomendações, dirigidas em geral às Comissões Nacionais Justiça e Paz, no sentido do estudo dos problemas, da intervenção junto das instâncias oficiais e da sensibilização da opinião pública.

De entre essas recomendações, salientam-se algumas, que são objecto de maior desenvolvimento, como as relativas ao estabelecimento de relações comerciais mais justas entre os países desenvolvidos e os do Terceiro Mundo, ao controlo pelos Estados das sociedades multinacionais, à superação da crise alimentar mundial, e ao tratamento mais justo dos trabalhadores imigrados.

Quatro capítulos são consagrados a problemas de direitos fundamentais. Num deles, foca-se a situação injusta das massas populares sem voz, nomeadamente nos países do Terceiro Mundo. «Privadas do direito de formar associações livres e representativas, nos campos político, social e cultural, estas massas populares vêem-se reduzidas a viver dum vácuo, sem qualquer participação no processo de desenvolvimento, sem verdadeira inserção social... numa situação de exploradas, condenadas a um nível de vida infra-humano, perto da fome permanente.»

Noutro capítulo, a Conferência convida as Comissões Nacionais a participarem na campanha contra a tortura lançada pela «Amnesty International», a denunciarem as infracções aos direitos humanos e colaborar na procura das condições necessárias para o efectivo exercício do direito a um emprego.

A Conferência formulou também uma série de recomendações relativas aos problemas do desarmamento e da paz, denunciando nomeadamente o comércio de armas.

Os últimos capítulos referem-se à Comissão Pontifícia Justiça e Paz, preconizando a sua reestruturação, e à intensificação dos contactos desta Comissão com as Comissões Nacionais e destas entre si.

Esta brevíssima síntese das resoluções da III Conferência Europeia Justiça e Paz é uma amostra do interesse e da competência desta instância da Igreja de nível europeu relativamente aos muitos e complexos problemas que mais pesam sobre a cons-

ciência dos povos desenvolvidos, na sua grande maioria de formação cristã.

Que os católicos portugueses possam ver em breve satisfeito o voto da Conferência respeitante a Portugal, de forma que possam ser motivados para o cumprimento dos seus deveres de europeus e de cidadãos do mundo.

Ordenações Episcopais

— O sr. D. António Baltasar Marcelino, bispo titular de Cérquina e auxiliar do Patriarcado de Lisboa, recebeu a ordenação episcopal, no dia 21 de Setembro, na Sé de Portalegre, das mãos do sr. cardeal D. António Ribeiro.

— O bispo de Santarém, D. António Francisco Marques, foi sagrado, no dia 4 de Outubro, na igreja de Santa Clara daquela cidade.

Para estes dois novos bispos os votos muito respeitosos da «Voz da Fátima».

A MULTA DA «VOZ DA FÁTIMA»

Para ajuda da multa da Voz da Fátima recebemos mais as seguintes ofertas:

- José Manuel Pinheiro, Bragança, 100\$00.
- Beatriz Gonçalves Araújo, Prado, 500\$00.
- Alfredo Barreto, 200\$00.
- António da Rocha Macedo, 20\$00.
- Anónimo de Usela, 100\$00.
- Jerónimo Gaspar, Montgeron, França, 100 F entregues por seu pai em 13 de Julho passado.

FÁTIMA 1975: LIBERTAÇÃO PELO EVANGELHO

Do que precisa a Igreja libertar-se?

A peregrinação de 12 e 13 de Setembro teve enorme afluência de peregrinos, mais do que é normal neste mês. De resto pode afirmar-se que a afluência ao Santuário e a participação dos peregrinos nos actos litúrgicos tem sido maior do que nos outros anos.

Poucos estrangeiros, mas os peregrinos nacionais afluíram do Norte e do Sul. Muitos vieram a pé e chegaram já no dia 11. Para estes voltou a funcionar o Serviço de Acolhimento com a colaboração de religiosos e religiosas da Cova da Iria.

Presidiu à peregrinação o sr. D. António de Castro Xavier Monteiro, arcebispo-bispo de Lamego.

Os actos no dia 12 principiaram com a celebração da missa às 17 h. O início oficial da peregrinação fez-se na capelinha com a presença do sr. arcebispo, sacerdotes e muitos milhares de peregrinos. Às 22 h, efectuou-se a procissão das velas e, às 22.30, a celebração da Eucaristia sob a presidência do sr. arcebispo e com a participação de 16 concelebrantes. Fez a homilia o Rev. P. Virgílio Lopes, de Viseu. Comungaram cerca de sete mil pessoas.

De noite, até às 2 h, houve a adoração diante do Santíssimo Sacramento. A oração esteve confiada aos Padres Capuchinhos da Fátima. Às 2 h, o sr. reitor do Santuário presidiu à procissão que partiu

da capela das aparições para os Valinhos, fazendo-se a via-sacra no caminho e celebração mariana junto do monumento que assinala a aparição de 19 de Agosto de 1917. Estes actos foram orientados pelos missionários (sacerdotes e noviços) do Coração de Maria da Fátima. Participaram mais de 1.000 peregrinos.

A procissão eucarística pelo recinto foi o último acto nocturno da peregrinação.

No dia 13, às 7.30, realizou-se a celebração do rosário junto da capelinha com pregação pelo P. Virgílio Lopes.

Às 10 h, o sr. arcebispo-bispo de Lamego presidiu ao cortejo dos concelebrantes para o altar exterior da Basílica, acompanhando a imagem de Nossa Senhora desde a capelinha. Concelebraram 63 sacerdotes entre os quais alguns estrangeiros. Ao evangelho fez a homilia o sr. arcebispo de Lamego que dirigiu um apelo aos peregrinos para um revigoramento da oração.

A oração universal foi proferida em várias línguas. Distribuiu-se a comunhão a 9.000 peregrinos. Os doentes receberam a bênção individual do Santíssimo Sacramento. Inscreveram-se 128 doentes.

As cerimónias terminaram com a procissão do adeus e a recondução da imagem de Nossa Senhora para a capelinha.

Fez a transmissão da peregrinação a Rádio Renascença do Porto.

A Rádio Renascença é da Igreja Católica

O general Vasco Gonçalves, então primeiro-ministro do Governo Provisório, no discurso que fez em Almada, afirmou: «A decisão de não entregar a Rádio Renascença ao Patriarcado foi um erro grave.»

Reconhecido publicamente o erro, urge repará-lo. Só assim se dignificam as pessoas.

A Igreja continua à espera de que se faça justiça.

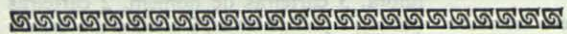
Dara que os leitores julguem

1. No dia 10 de Agosto, realizou-se em Braga uma das manifestações organizadas por católicos das várias dioceses, de apoio ao Episcopado e protesto contra o prolongamento sem solução digna do caso da Rádio Renascença. O Arcebispo proferiu uma alocução, de que a imprensa diária portuguesa citou e comentou algumas frases, e de que o «Diário do Minho» publicou, por duas vezes, o texto integral.

É sabido que, após a manifestação, e contrariamente ao espírito que a animou e às palavras de ordem que durante ela se fizeram ouvir, registaram-se incidentes que culminaram com o assalto à sede local do Partido Comunista. Tiveram origem em provocações aos manifestantes da parte de ocupantes dessa sede.

2. No dia 15 de Agosto, o Cardeal Marty, Arcebispo de Paris, pronunciou em Notre-Dame uma homilia em que falou, entre outras coisas, da situação em Portugal. As suas palavras, em tradução fiel, foram as seguintes:

«... Acabo de falar da promoção da mulher. Importaria



Não queremos mais medo

(Continuação da primeira página)

vossas mãos! É impossível amar tendo nas mãos armas ofensivas» (Paulo VI na O. N. U.).

É necessário construir a paz na justiça e na fraternidade. No mês de Agosto, a Conferência dos Países Não Alinhados é uma forte expressão da profunda aspiração dos povos de tomarem nas mãos os seus próprios destinos.

Os homens e os povos querem mudanças de estruturas, querem ser respeitados na sua dignidade de pessoa humana. É a luta pela justiça social e pela mais equitativa distribuição das riquezas da terra.

O povo manifesta-se pelas ruas fazendo apelo ao amor e à justiça. Mas a justiça não é violência, não é desprezo, não é combate no campo puramente ideológico. Justiça é a conversão do coração do homem. Domínio de todo o egoísmo desenfreado, de toda a busca de privilégios e interesses pessoais. Justiça é construir uma sociedade melhor, uma comunidade mais dialogante e solidária, onde a palavra é direito de todos, uma comissão de bairros ou de moradores, de trabalhadores, operários ou camponeses, onde todos se sintam participantes e responsáveis pelo bem comum. Justiça é assumir a própria história, e cada pessoa desempenhar nela o papel que lhe compete.

«Queremos brincar sem violências, sem tiros e sem canhões»...

Qual será a imagem, o impacto, o terror que se terá gravado nos olhos, nos ouvidos, no coração de cada criança de Angola? de Timor? do mundo triste da guerra? Qual é o futuro que nós, adultos, estamos a preparar para essa infância?

«Queremos ser crianças para podermos ser homens» — Há tantas crianças que não podem ser crianças... há tantos homens que não podem ser homens... frutos do ambiente de exploração, de agressividade e de medo.

É preciso ter presente que a libertação do homem novo não se fará de carruagem, nem entre flores e aplausos e bonitas palavras. É um parto doloroso. Um esforço de conversão. É a grande mudança que Jesus exige de seus seguidores.

Construir um mundo onde todos tenham o seu lugar ao sol. Então se realizará o desejo de todas as crianças das nossas cidades e aldeias, dos nossos filhos inocentes: «Não queremos mais medo, queremos o amor».

L. C.

falar também da promoção dos grupos e dos povos. Não podemos menosprezar as confrontações fratricidas, muitas vezes sangrentas, que dividem os homens em numerosos países, uns muito longe de nós, e outros bem próximo de nós. Gostaríamos de dizer hoje uma palavra muito particularmente sobre Portugal.

«Há 17 meses, o povo português conheceu uma grande esperança. De há umas semanas para cá, conhece uma grande inquietação. Sentimo-nos solidários com ele.

«Conhecemos todos trabalhadores portugueses. Aprendemos a estimá-los e a tomar parte em quanto lhes diz respeito. Por tal motivo, maior preocupação nos causam os factos que a imprensa traz até nós. Não é da minha competência julgar das responsabilidades políticas destes e daqueles. A liberdade, incluindo a liberdade religiosa, é, para todos, um bem inalienável. A expressão democrática dos cidadãos deve ser respeitada.

«O sofrimento dos homens recorda-me, uma vez mais, que o entendimento («concertation») vale mais do que a violência, que a justiça vale mais do que a força. Trata-se dumha exigência frontal e desconfortável do Evangelho. Mas ela impõe-se a todos. Em caso algum os pobres devem pagar os custos das dissenções. Os pobres devem ser ouvidos. Devem ser defendidos na sua dignidade pessoal, familiar e social.

«Que a nossa oração esteja bem próxima deste povo que procura a justiça, salvaguardando a liberdade.»

3. Fazendo tendenciosa interpretação destas palavras, vários órgãos de informação diários portugueses anunciaram destacadamente que o Cardeal Marty, ao condenar a violência, o fazia para contraditar o Arcebispo de Braga. Também na França correu tal versão — se é que não foi lá a sua origem.

Viu-se, pois, o Arcebispo de Paris na necessidade de esclarecer o caso, aproveitando uma entrevista concedida no dia 17 à estação de rádio «France-Inter». Referindo-se ao discurso do Prelado bracarense, disse, segundo se pode ler em correspondência publicada no «Diário do Minho» do dia 20:

«Não sei exactamente como foi possível encarar como apelos à violência aquilo que, certamente, não pretendia ser mais do que uma chamada a certas verdades meditadas pelo orador».

O repórter quis saber se competia a D. Francisco Ma-

ria da Silva «desempenhar tal papel num processo de revolução». O Cardeal Marty respondeu: «Tem o seu lugar. A sua grande sinceridade é patente. Vê talvez em certos momentos a liberdade religiosa em perigo. Não conheço as intenções do Arcebispo de Braga. Não disponho de informações suficientes. Tenho grande preocupação em manter-me em solidariedade, em comunhão e em diálogo com o Episcopado de Portugal, e assim tem acontecido.»

As restantes declarações foram em termos bastante semelhantes aos da homilia de 15 de Agosto acima citados.

4. Tais palavras de esclarecimento do Cardeal Marty foram imediatamente objecto de insidioso comentário da parte de l'Humanité, órgão do Partido Comunista francês: «Entre a declaração de Mons. Marty lastimando — mesmo «implicitamente» — os apelos à violência de Mons. Da Silva, Arcebispo de Braga, e aquela em que — explicitamente — tenta negar que as declarações de Da Silva sejam apelos à violência... há uma mudança. Há razão para se ficar espantado e perguntar quais os motivos.»

O jornalista de l'Humanité pergunta se na origem de tal «mudança» estaria qualquer pressão dos católicos franceses. «Ninguém o poderá crer... Assisti-se, de há uma semana para cá, a um profundo movimento de parte importante dos cristãos do nosso país na união anti-fascista.» E insinua: «As razões da mudança de opinião expressa publicamente por Dom Marty ter-se-ão assim de procurar fora do nosso país? Estarão a exercer-se pressões estrangeiras sobre a hierarquia católica francesa no sentido do que aparece como um apoio a Da Silva? A questão não poderá deixar de pôr-se.»

E termina com uma diatribe aos «propósitos incendiários do Arcebispo de Braga». Tudo, aliás, inserido numa campanha de mobilização dos marxistas franceses em apoio daqueles que, em Portugal, se arvoraram em campeões do anti-fascismo, numa hora difícil para a «revolução».

5. Estamos informados de que o Cardeal Arcebispo de Paris lastima profundamente a especulação em torno das suas palavras e a agitação que, mesmo em certos meios católicos franceses, essa especulação tem provocado.

Podemos ainda informar que o Cardeal Marty admite que venha a ser necessário publicar uma declaração sobre o assunto, tendo já manifestado interesse em estar bem documentado para tal eventualidade.

O que podem os meios de comunicação social quando sacrificam a pura verdade a objectivos ou interesses de partido!...

(C. C. I.)

Exposição da Medalha Comemorativa Religiosa

PROJECTO DUMA MEDALHA DO II CONCÍLIO DO VATICANO

A peregrinação de 13 de Setembro teve por tema «De que precisa a Igreja libertar-se?», pergunta relacionada com a ocorrência do décimo aniversário do II Concílio do Vaticano, a cuja abertura solene o Santuário esteve ligado com celebrações, uma das quais constituiu dum concerto de órgão na Basílica realizado por um famoso maestro italiano.

Está a decorrer no Santuário a magnífica Exposição da Medalha Comemorativa Religiosa que constitui um acontecimento relevante de pastoral, de arte e, até, de devoção que os peregrinos tanto têm apreciado a avaliar pelas quase 35 mil entradas verificadas durante um mês de abertura.

A feliz iniciativa de expor as medalhas comemorativas religiosas teve uma entusiástica aceitação da parte de colecionadores, gravadores e escultores. Alguns houve que trouxeram não só a medalha, cunhos e estudos de medalhas editadas, mas até estudos de medalhas não editadas e cuja existência a Exposição veio revelar.

Numa vitrina estão expostas medalhas de tema papal. Ali se podem ver medalhas com o 1.º Papa (São Pedro), Leão XIII (Ano Santo de 1875), Pio XII (Ano Santo de 1925 e 1950), João XXIII (abertura do II Concílio do Vaticano) e Paulo VI (encerramento do II do Vaticano e peregrinação à Terra Santa, Turquia, Genebra, Nova Iorque, Uganda, Austrália e Fátima).

Os concílios são acontecimentos invulgares que importam sobretudo à vida da Igreja. Embora não se encontre na Exposição da Fátima, sabemos da existência dumha medalha comemorativa do 1.º Concílio do Vaticano (1869-1870) onde se encontra representado o busto do Papa Pio IX, no anverso. No reverso nota-se uma figura feminina que representa a Fé. Segura na mão direita um cálice sobrepujado pela hóstia donde partem raios de luz em diversas direcções. Com o braço esquerdo abraça uma grande cruz e a tiara papal. Circunda esta figura simbólica a legenda: «Concilium Magnvm Vaticanvm An. MDCCC.LXVIII». O Episcopado português mandou cunhar uma medalha de bronze

para comemorar o 1.º centenário deste Concílio.

Não sabemos, porém, da existência de qualquer medalha portuguesa que tenha sido feita para comemorar o II Concílio do Vaticano. No entanto a Exposição comemorativa da Fátima veio dar-nos a saber que um grande artista português fez o estudo para a cunhagem dumha medalha para comemorar este importante acontecimento histórico cujo décimo aniversário ocorre este ano.

A Sociedade Portuguesa de Numismática do Porto publicou, em 1965, um artigo da autoria de Mário Areias, com o título «PROJECTO PARA UMA MEDALHA DO CONCÍLIO VATICANO II», em que nos dá conta de que Mestre Raul Xavier, falecido há 4 anos, modelou em gesso para uma medalha que se destinava a comemorar o II Concílio do Vaticano. Este modelo tinha 30 cm de diâmetro e destinava-se a ser reduzido para 9cm (90m/m). No anverso sobressaía o busto do Papa João XXIII, voltado à esquerda. A circundar este busto, a inscrição «JOHANNES XXIII. PONTIFEX MAXIMVS». No reverso, as armas pontificias e a legenda em circunferência: «CONCILIVM VATICANVM SECVNDVM. 1962.»

Diz o autor do artigo que nessa altura (Dezembro de 1965) se faziam diligências para a cunhagem da medalha comemorativa e que, entretanto, se fundiram em bronze dois exemplares de 30 cm de diâmetro, um dos quais ficou para o escultor, Mestre Raul Xavier, e outro para a colecção do autor do artigo, Mário Areias.

Temos pena de não termos na Exposição uma destas peças já que ali se encontram outras do grande artista que foi Raul Xavier, mas maior é a nossa pena de que se não tenha feito uma larga tiragem destas medalhas que perpetuariam um acontecimento que marcou uma viragem na vida da Igreja — o II Concílio do Vaticano.

F. P. O.

A exposição, conforme tem sido anunciado, estará aberta até 15 de Outubro.